

História de Mato Grosso: gênero e livro didático

ANA MARIA MARQUES*

Pode-se dizer que os livros didáticos de história de Mato Grosso seguem uma longa tradição positivista de uma abordagem cronológica, que privilegia os “grandes acontecimentos” e nomes que os marcaram. Nessa perspectiva, trata-se de uma história de homens, pois, as mulheres, quando aparecem, são coadjuvantes ou para indicar algum aspecto da história, cuja participação feminina foi destacada, em geral que diz respeito à cultura erudita e à arte no seu aspecto geral – alguma “perfumaria”.

Diferente não é quando pensamos a história geral. Joana Maria Pedro (2005, p.84) acentua que nessa perspectiva da “história dos governantes e das batalhas” as mulheres são a “face oculta” do bem ou do mal, ora santas, ora guerreiras ou bruxas. Pedro conclui: “Nessa forma de escrita da história, baseada principalmente em fontes narrativas oficiais, não pode haver lugar para a categoria ‘gênero’, mas apenas a categoria ‘mulher’, pensada sob o aspecto da categoria universal”. Essa maneira universalizante de pensar a mulher recai sobre os mesmos problemas de se pensar que exista um ser Homem universal, uma maneira de dividir as pessoas numa concepção binária da sociedade – de colocar, então, homens e mulheres em pólos opostos.

Nesse projeto, tomo a definição de gênero, como categoria útil de análise histórica, sugerida por Joan Scott (1995, p.86): “o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos e o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder”. Desta forma, a possibilidade de ampliação da categoria “gênero” não está fechada na oposição da diferença com os homens e sim na perspectiva relacional e perceptiva. A definição de Joan Scott foi bastante influenciada pelas leituras de Michel Foucault e poucos são os trabalhos que discutem gênero, atualmente, sem citá-la.

A diferença é inseparável da percepção dos elementos que constituem a identidade. Quando se afirma uma identidade, nega-se outra. Existe uma lógica dicotômica que divide em dois não só os sexos, mas em geral as classes, as “raças” ou etnias e as gerações. Tomaz Tadeu da Silva (2003, p. 82-83) reverbera:

* Profª Dra. do Departamento de História da UFMT/Campus Cuiabá. Pesquisa financiada pelo CNPq.

A afirmação da identidade e a marcação da diferença implicam, sempre, as operações de incluir e excluir. (...) dizer “o que somos” significa também dizer “o que não somos”. (...) A força homogeneizadora da identidade normal é diretamente proporcional à sua invisibilidade.

A história produzida nos livros didáticos – também um corolário das pesquisas acadêmicas e produções de vozes autorizadas a falar pela História (nem sempre historiadores de formação) - acaba por reforçar esse binarismo e, conseqüentemente, a invisibilidade das mulheres. Falar de gênero não é, pois, enaltecer as mulheres, é pensá-las nas relações sociais, junto com os homens, é também entender por que elas foram silenciadas ou não tiveram vozes nessa produção, mesmo quando escrita por mulheres.

Os feminismos têm aberto um leque de opções para se pensar como se constroem os sentidos de feminilidades e masculinidades. Essas opções, no entanto, em algumas correntes fazem uma convergência com outras, como quando pensamos o feminismo da igualdade em contraposição ao da diferença. Linda Nicholson sugere uma “política de coalizão”, que abarque a diversidade do feminismo, articulando diferentes reivindicações dos grupos que, dentro de seus contextos e interesses específicos, possam temporariamente se unir. Afinal, como ela conclui:

Talvez seja hora de assumirmos explicitamente que nossas propostas sobre as “mulheres” não são baseadas numa realidade dada qualquer, mas que elas surgem de nossos lugares na história e na cultura; são atos políticos que refletem os contextos dos quais nós emergimos e os futuros que gostaríamos de ver. (NICHOLSON, 2000, p.38)

As questões dessa pesquisa problematizam, então, os silêncios, as abordagens e as seleções temáticas que incluem, de alguma maneira, as mulheres ou as excluem. Através de análise dos livros didáticos e seus usos (e abusos) é que se pretende refletir sobre como as relações de gênero aparecem, mesmo quando existem silenciamentos.

O interesse pela obra didática da Prof^a Elizabeth Madureira Siqueira¹ surgiu pelo conhecimento de sua própria produção. A professora construiu carreira acadêmica

¹ Paulista de Franca, graduada em História – UNESP/Franca, Mestre em História – USP/SP e Doutora em História da Educação – UFMT/IE.

sólida e hoje ainda atua no mundo literário: foi coordenadora da Editora da UFMT por cinco anos até 2009, professora no programa de pós-graduação em Educação da mesma universidade, faz parte do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso e da Academia Mato-grossense de Letras. Sua obra didática mais rica, considerando o valor editorial, primeiramente publicada em 2001, prezou pela utilização diversificada de fontes, sobretudo as não escritas, pois a quantidade e qualidade das imagens são superiores a qualquer outro livro didático sobre o tema. “História de Mato Grosso: da ancestralidade aos dias atuais”, recebeu indicação honrosa pela Assembléia Legislativa de Mato Grosso, em 2004. Esse trabalho, como todo aquele cuja pretensão é dar conta de uma grande temporalidade e de todo Estado, recai nas escolhas da autora. Outros já haviam feito o mesmo em se tratando de História de Mato Grosso, como: Estevão de Mendonça (1906), seguido por Rubens de Mendonça (1979) e Lenine Campos Póvoas (1985) – vale enfatizar que os três autores também foram membros do IHGMT. Cito só esses três para dizer que, além de suas investidas na narrativa histórica, foram homens da política partidária também e, por vezes, ocuparam cargos de governança². A narrativa por eles produzida é uma história de sucessões de poderes políticos. Esse tipo de historiografia plantou uma tradição presente também nos trabalhos de Elizabeth Madureira Siqueira. Ela, contudo, a partir do seu entorno literário da produção de ponta advinda do meio acadêmico, incluiu outras temáticas às suas narrativas, como por exemplo, as pesquisas sobre escravidão em Cuiabá de Luiza Volpato (1993) e os estudos sobre representação de Mato Grosso resultantes da tese de doutorado de Lylia Galetti (2000).

Elizabeth Madureira produziu, anteriormente, outros dois livros didáticos. Um em 1990, junto com outras duas autoras, “O processo histórico de Mato Grosso”, cuja influência visível do marxismo está presente na metodologia exposta na divisão temática separada em quatro partes: sistemas produtivos, movimentos sociais, fronteiras e abastecimentos e o índio. Outro livro didático, publicado em 1997, “Revivendo Mato Grosso”, está organizado em três capítulos seguindo uma ordem cronológica: colônia, império e república.

² Estevão de Mendonça foi sócio-fundador do IHGMT, sua vida literária e política de décadas influenciou uma descendência. Rubens de Mendonça, filho de Estevão, apesar da carreira política e literária é conhecido sob o título de historiador, seu acervo literário e documental foi, parte doado para a UFMT, outra para o IHGBMT. Lenine Campos Póvoas, filho de Nilo Póvoas e sobrinho de Isaac Póvoas - homens que ocuparam secretarias executivas, prefeitura, câmeras e instituições políticas.

Os três trabalhos, referências obrigatórias atualmente para trabalhos escolares, enfatizam uma história política, dos eventos que contam a história de Mato Grosso pelos seus “desbravadores”, colonizadores e governantes, os que trabalharam pela criação do território, do crescimento econômico sob a perspectiva de uma evolução positivista. Essa não é uma história que privilegia mulheres, pela sua própria metodologia, pelo contrário é uma narrativa do masculino – pela força do gênero gramatical e pela participação efetiva de homens nesses cenários.

Para essa comunicação, como a pesquisa está só no início, escolhi a última das três obras didáticas de Elizabeth M. Siqueira: “História de Mato Grosso: da ancestralidade aos dias atuais”. Desta obra analisam-se imagens e a força discursiva que elas representam para pensar questões de gênero. Trata-se de um livro ricamente ilustrado, com papel e imagens de qualidade – o que torna o preço do livro pouco acessível a um público amplo. Para se ter uma idéia quantitativa, das duzentas e sessenta e uma páginas, entre o primeiro e último capítulo, apenas quarenta e duas não têm ilustração, as demais têm pelo menos uma ou mais imagens (gravuras, desenhos, pinturas ou fotos) todas com suas cores originais e respeitados seus créditos.

Dentre as duzentas e sessenta e uma páginas, no entanto, vinte e nove mostram mulheres. Algumas são personagens sem nome, outras têm nome que podem ser representativos a tantas outras, pois suas histórias nada apresentam de incomum a um tipo ou grupo que se quer mostrar. Dentre tantos homens que aparecem no livro, das mulheres apenas seis têm nome: p. 18: Irminhild Wüst (arqueóloga da Universidade Federal de Goiás que aparece junto a foto de uma escavação a um sítio arqueológico em Cáceres); p. 83: a Princesa Isabel que aparece numa foto de época em missa solene comemorativa à “Abolição da escravatura”; p. 197: Zulmira Canavarros, cuja foto é acompanhada pela legenda que a define como “uma das mulheres mais ativas no cenário cultural mato-grossense, na primeira metade do século XX”; p.199: a pintura do busto de Laurinda Lacerda Cintra – “Doninha” – ilustra um texto que a apresenta como uma visionária que foi presa ao final de uma disputa política que levou a derrocada do partido que sua família representava na era varguista; p. 216: Thais Bergo Duarte Barbosa aparece na foto entre mais vinte e três homens devidamente nominados – era a imagem do legislativo estadual em 1989; e na p. 255, a foto de Dunga Rodrigues, quando o assunto é “festas populares”, ela é apresentada como grande expoente das

artes e da cultura mato-grossense. Todas são mulheres de vida pública reconhecida pelos seus trabalhos que incluem: produção científica, atuação em política partidária e/ou engajamento em movimento artístico-cultural.

O livro analisado segue uma divisão cronológica repartida em cinco unidades: Ancestralidade, Colônia, Império, República e Tempos Contemporâneos.

Da primeira unidade já destaquei a foto da arqueóloga, embora não seja ela o assunto, mas sim a história através das imagens rupestres e os demais vestígios de vida humana pré-cabralina, quero mostrar o como e o quanto as mulheres aparecem no livro didático.

Na segunda unidade, nove imagens mostram mulheres. Das quais seis destas são pinturas da coleção de Moacyr Freitas³ datadas do ano de 2000, representando cenas do período colonial. Parece uma característica do autor, incluir mulheres, pessoas comuns, nos cenários que ele representa, todavia as temáticas que aborda não centralizam as mulheres no campo de representação: na pintura da p. 37, uma mulher negra observa a chegada da monção de Rodrigo César de Menezes, no século XVIII; na p. 38, mulheres unem-se ao povo que participa do ato solene de elevação de Cuiabá a categoria de vila, em 1727; na p. 42, mulheres índias vestidas e sem roupa ilustram a representação da uma missão jesuítica de Chapada dos Guimarães, também no século XVIII; na p.44, mulheres negras aparecem ao fundo no trabalho de Engenho de Buriti (Chapada); na p. 46, duas mulheres, uma índia carregando o filho no colo e cesto na cabeça mais outra negra, passeiam no cenário com dois homens negros, um carregador de potes e outro remador, mais um oficial uniformizado ilustram a pintura que representa a fundação de Vila Bela; a pintura da p. 85, embora já lá na unidade sobre o Império, representa a deposição de Magessi em 1821 por uma Junta Governativa Provisória, a cena mostra mulheres brancas da elite conversando entre si e outra, supostamente a esposa, acompanha o deposto. Além dessas pinturas de Moacyr Freitas, as demais representações de mulheres nos cenários da colônia, são de viajantes e

³ Moacyr Freitas completou 80 anos em 2010. Cuiabano, formou-se em 1960 pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo do Rio de Janeiro. Foi grande idealizador do projeto que resultou na construção do Centro Político e Administrativo e da Rodoviária na década de 1980. Além de grande arquiteto e urbanista, tem vasta produção literária, tanto em jornais periódicos quanto em livros. Escreveu e representou a história de Mato Grosso através dos seus escritos e da sua pintura. (Informações retiradas de matéria publicada sobre ele no Diário de Cuiabá, Ed.12069, de 10/01/2010)

ilustradores do período, como: na p. 25, duas gravuras de Theodore de Bry⁴ (1592) mostram mulheres participando de rituais de antropofagia; na p. 65, a representação de Hercule Florence⁵ (1828) de índias apina; e na p. 70, Johannes Gehrts⁶ (1886) desenhou mulheres da elite, porque brancas e de roupas finas, participando da procissão de ramos.

Os viajantes continuam retratando mulheres nas imagens selecionadas para a unidade sobre o Império. Nas gravuras de Taunay⁷: uma da p. 86 representa a miscigenação, outra na p. 120 mostra duas mulheres negras à beira do rio lavando roupas, ambas são datadas de 1827. Florence (1826) representou a Negra Cabinda com suas escaras no corpo indicando pertencimento étnico, p. 124. Bartolomé Bossi⁸ (1865) representou as índias parecis na sua gravura, p. 141. E a gravura de Mulhall⁹ (1881) mostra mulheres brancas, bem vestidas, conduzidas “descendo o rio Cuiabá” por sete remadores numa canoa, p. 142. Ainda outra pintura (escolhida também como imagem da capa do livro), de José Ferraz de Almeida Júnior¹⁰ (1897) retrata a partida de uma moção, mulheres aparecem se despedindo ou acompanhando os momentos de partida dos homens. Além das pinturas, duas fotos do Album Graphico (1914) representam mulheres: uma citada na p. 114 da escola da Usina Itaici mostra uma fileira central de catorze meninas ladeadas por dois homens, entre outros quarenta meninos; outra na p. 116, mostra nove pessoas representando a administração da Usina Ressaca, dentre elas, quatro são mulheres.

Da unidade sobre a República, das seis páginas que trazem imagens de mulheres, três já foram citadas quando me referi às mulheres mominadas: Zulmira

⁴ Viveu entre 1528 e 1598. Nasceu na Bélgica. Viveu na Alemanha e na Inglaterra também. Foi ourives e especialista em gravuras, das quais ficaram muito conhecidas no Brasil as que retratam rituais de canibalismo dos índios tupinambás.

⁵ Nasceu em Nice, em 1804. Aos 20 anos chegou ao Brasil, onde permaneceu até sua morte em 1879. Aos 21 embarcou na expedição de Langsdorff e assumiu posto de desenhista e cartógrafo viajando e registrando o interior do Brasil.

⁶ Grande ilustrador. Nasceu na Alemanha em 1855 e lá morreu em 1921.

⁷ Nicolas Antoine Taunay (1755-1830) nasceu e morreu em Paris. De 1816 a 1821 fez parte da Missão Francesa que fundou a Academia Imperial de Belas Artes, no Rio de Janeiro, onde ocupou a cadeira de pintura e paisagem.

⁸ Pintor e naturalista genovês, visitou a Província de Mato Grosso em 1862 e deixou um livro de memórias capturadas também em imagens.

⁹ Marion G. Mulhall publicou, em 1881, na Inglaterra: *Between the Amazon and Andes or Tem Yaers of Lady's Travels in the Pampas, Gran Chaco, Paraguay and Matto Grosso*.

¹⁰ Pintor brasileiro da segunda metade do século XIX. Aclamado como precursor do regionalismo. Morreu em 1899 vitimado por um golpe passional aos 49 anos de idade.

Canavarros, Doninha e Thais Barbosa. Das outras três páginas, duas tematizam as indígenas: na p. 173, duas fotos mostram índias (Ianunquá e Kuikuru) nuas nos seus afazeres da aldeia; na p. 174, das seis fotos da página, a primeira mostra três homens do Serviço de Proteção ao Índio e as demais representam mulheres indígenas em ocupações cotidianas de fiação, alimentação e limpeza, sempre se ocupando também do cuidado das crianças. Além das índias e das mulheres públicas, a p. 192 traz uma foto de alunas do Asilo Santa Rita, início do século XX.

A última unidade, sobre “Temas contemporâneos”, além de destacar a figura de Dunga Rodrigues, como já citei, traz uma foto na p. 242 que mostra em primeiro plano, alunas do Colégio das Irmãs Catequistas de Rondonópolis (1952) e nas p. 258-259, mulheres aparecem em fotos de danças: Chorado, Mascarados e Siriri.

Sem a preocupação de analisar o textual do livro didático, as imagens reverberam os silêncios ou a pouca importância que as mulheres assumem na historiografia: raras participam dos episódios considerados importantes, pois, numa tradição positivista, são os governantes, os homens da política e de mando, que tomam a frente dos fatos marcantes da história oficial. Essa tradição se perpetua, mesmo que eventualmente algumas poucas mulheres apareçam. Em geral, as mulheres quando surgem, são anônimas, em papéis importantes porque dizem respeito a sobrevivência e manutenção de seus pares. Desconsideradas por uma tradição historiográfica, elas aparecem (pouco) reinventadas sutilmente nas representações de Moacyr Freitas e nas escolhas de Elisabeth Siqueira, não só ligadas a vida privada, mas nas manifestações artísticas: a música e a dança, por exemplo.

O eixo metodológico baseia-se nos estudos de gênero fundamentados em Joan Scott, e também discutidos por várias historiadoras brasileiras que empregam em suas pesquisas essa categoria, a exemplo da já citada Joana Maria Pedro. Faz-se a crítica a teoria do patriarcado que durante muito tempo explicou o “silêncio” das mulheres numa justificativa de suposta submissão delas ao domínio dos homens. Criticam-se, também, os essencialismos das ondas feministas do igualitarismo que pregava uma sociedade de mulheres e homens iguais partindo do referencial Homem, por isso criando a categoria Mulher. As essencialistas do diferencialismo também merecem uma crítica por enaltecer características biológicas afirmadoras de uma identidade feminina – o que coloca as mulheres num campo inexorável.

REFERÊNCIAS:

GALETTI, Lylia da Silva Guedes. **Nos confins da civilização: sertão, fronteira e identidade nas representações sobre Mato Grosso**. Tese de Doutorado de História pela USP, 2000.

JUBILEU DOS 90 ANOS DO IHGMT: 1919-2009. Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, 2010.

MENDONÇA, Estevão de. **Quadro Chorographico de Mato Grosso**. Cuiabá: Escolas Profissionais Salesianas, 1906.

MENDONÇA, Rubens de. **História de Mato Grosso**. Cuiabá: 1979.

NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. **Revista de Estudos Feministas**. Ano 8. Vol.2, 2000.p. 38.

PEDRO, Joana Maria. “Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica”. In: **Revista História**, São Paulo, v. 24, n.1. 2005. (SciELO)

SCOTT, Joan W. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. **Revista Educação e Realidade**, Porto Alegre, v.20, n.2, jul/dez., 1995.

_____. O enigma da igualdade. **Revista de Estudos Feministas**. Florianópolis: UFSC. Vol. 13. n.1, 2005.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

SIQUEIRA, Elizabeth Madureira; COSTA, Lourença Alves da; CARVALHO, Cathia Maria C. **O processo histórico de Mato Grosso**. Cuiabá: Ed. Guaicurus/UFMT, 1990.

SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. **Revivendo Mato Grosso**. Cuiabá: SEDUC, 1997.

_____. **História de Mato Grosso: da ancestralidade aos dias atuais**. Cuiabá: Entrelinhas, 2002.

PÓVOAS, Lenine. **História de Mato Grosso**. 1985.

VOLPATO, Luiza R. R. **Cativos do sertão: vida cotidiana e escravidão em Cuiabá em 1850-1888**. São Paulo/Cuiabá: Ed. Marco Zero/UFMT, 1993.